

AS TROIANAS

HÉLIA CORREIA / JAIME ROCHA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AS TROIANAS

HÉLIA CORREIA / JAIME ROCHA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

coleção dramaturgia

A coleção DRAMATURGIA dedica-se à escrita para teatro, acolhendo clássicos, modernos e contemporâneos, autores consagrados e emergentes, com atenção especial dedicada aos processos de transformação da escrita de palco. A coleção apresenta no espaço da língua portuguesa uma proposta editorial de referência no domínio do teatro, propondo edições criteriosas e acompanhadas de aparato crítico.

WWW.UC.PT/IMPRESA_UC/CATALOGO/DRAMATURGO

DIRETOR *MAIN EDITOR*

Fernando Matos Oliveira UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DIRETORES ADJUNTOS *ASSOCIATE EDITORS*

Alexandra Moreira da Silva UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE - PARIS 3

Rui Pina Coelho ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

CONSELHO EDITORIAL *EDITORIAL BOARD*

Ana Isabel Vasconcelos UNIVERSIDADE ABERTA

Christine Zurbach UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Francisco Frazão CULTURGEST

José Augusto Cardoso Bernardes UNIVERSIDADE DE COIMBRA

José Da Costa UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

João Maria André UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Luiz Fernando Ramos UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Manuel F Vieites ESCOLA SUPERIOR DE ARTE DRAMÁTICA DE GALICIA

Maria de Fátima Sousa e Silva UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Maria João Brilhante UNIVERSIDADE DE LISBOA

Marie-Amélie Robilliard MAISON ANTOINE VITEZ - PARIS

Marta Teixeira Anacleto UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Pedro Eiras UNIVERSIDADE DO PORTO

NOTA INTRODUTÓRIA 5

AS TROIANAS²¹

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COORDENAÇÃO EDITORIAL
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
E-MAIL imprensa@uc.pt
URL www.uc.pt/imprensa_uc
VENDAS ONLINE livrariadaimpresa.uc.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA
Imprensa da Universidade de Coimbra

PAGINAÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
Mickael Silva

EXECUÇÃO GRÁFICA
Empresa do Diário do Minho

ISBN
978-989-26-1577-6

ISBN DIGITAL
978-989-26-1578-3

DOI
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1578-3>

DEPÓSITO LEGAL
442932/18

© JUNHO 2018
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CORREIA, Hélia, 1949- , e outro
As troianas / Hélia Correia, Jaime Rocha. – (Dramaturgia)
ISBN 978-989-26-1577-6 (ed. impressa)
ISBN 978-989-26-1578-3 (ed. eletrónica)
I – Rocha, Jaime, pseud.
CDU 821.134.3-2"19/20"

**NOTA
INTRODUTÓRIA**

A IDADE MÍTICA DOS PORQUÊS

PORQUÊ A GRÉCIA?

Esta pergunta decalca, de forma deliberada, o título de um livro justamente célebre — *Pourquoi la Grèce?* (Paris, Éditions de Fallois, 1992) — de uma das maiores helenistas do séc. XX: a estudiosa francesa Jacqueline de Romilly, falecida em 2010, quando lhe faltavam escassos três anos para completar um centenário de existência. A resposta àquela interrogação encontrava-a a insigne filóloga no convívio direto com alguns dos autores e dos temas da sua eleição, como Homero e Píndaro, Heródoto e Tucídides, a teorização política, a tragédia e filosofia gregas. Idêntica resposta foi ministrando, ao longo de uma vida inteira dedicada ao estudo da Antiguidade Clássica, a grande Mestra Maria Helena da Rocha Pereira, quando comentava, com o seu mitilénico olhar azul, embebido em tom de jocosa delícia, que “eu vivo com os Gregos e sei disso, mas vocês vivem com os Gregos e não sabem”. Ao evo-

car as reflexões de quem tão profundamente privou com os grandes Clássicos, fica-se com a sensação de que o entendimento da questão colocada pode ser, afinal, bastante simples, estando somente à distância da nossa disponibilidade para nos deixarmos tocar pelos grandes *monumentos* produzidos pela Grécia antiga, seja no domínio artístico seja no do pensamento. Deles se alimenta o mundo ocidental, com uma vitalidade profunda e intensa, mesmo se dela não tem ou, no limite, dela não deseja ter consciência. Em qualquer dos casos, porém, a Grécia existe e persiste, até naqueles duros momentos da recente crise financeira, em que foi tão maltratada — ‘crise’ que é, afinal, também uma palavra grega, a qual, implicando embora um ato dilacerante de ‘separação, dissentimento, cisão’, faz brotar, do seu íntimo e do seu étimo, o rasto luminoso de ‘decisão, discernimento, escolha’.

Responder cabalmente à pergunta sobre *Porquê a Grécia?*² exige o curso de uma vida, não podendo portanto essa operação ser vertida nas calhas apressadas e estreitas de prelúdios existenciais. Perceber a Grécia exige tempo, capacidade de espera, reflexão. Mas não é uma missão impossível e muito menos

desprovida de grande emoção — a mesma que acompanha a experiência da vida em sociedade —, mas até aí a Hélade se revela complexa e densa de sentido. Com efeito, a experiência política da Grécia fazia de cada pólis (ou cidade-estado) uma célula autónoma, cuja identidade se definia através de uma série de realizações próprias e distintivas, como o dialeto, a divindade políade, a moeda (quando era emitida) e também a própria constituição, de cuja natureza dependia toda a estrutura legislativa. Neste sentido, será caso para reconhecer alguma pertinência à tradicional tese jurídica de que o horizonte legal variava com cada uma das póleis, ou seja e literalmente que eram ‘tantos os direitos quantas as cidades’ (*tot iura quot ciuitates*). Não obstante esta contingência, de que é necessário estar bem ciente para evitar análises simplistas de um fenómeno que é congenitamente complexo, as várias cidades gregas não deixavam de partilhar um denominador jurídico comum que era a essência do próprio sistema da pólis.

Na realidade, os Gregos tinham bem presente essa noção de identidade cultural e cívica, que lhes servia, em última análise, de traço distintivo em relação a outros povos. A isso mesmo se refere o grande

historiador Heródoto, em termos paradigmáticos, na forma como define as características do conceito de ‘ser grego’ ou *Hellenikon* (8.144.2): ‘partilhamos o mesmo sangue e a mesma língua, temos em comum os templos dos deuses e os altares, os costumes e os hábitos’. Da mesma forma, quando Simónides, o grande cantor da resistência grega às invasões persas, afirmava que ‘a pólis é mestra do homem’ (frg. 15 West), estava também a sintetizar, com a sua reconhecida habilidade para construir frases lapidares, o essencial da existência da Hélade ao longo das Épocas Arcaica e Clássica. Neste período, a Grécia desenvolveu e apurou o sistema da pólis, como a forma ideal de se organizar em sociedade, uma opção que, na perspetiva helénica, era muito superior à autocracia bárbara, a qual apenas reconhecia a liberdade total do monarca — tanto mais absoluta e caprichosa quanto menor fosse o espaço de atuação dos respetivos súbditos. À dependência destes, o espírito grego contrapunha a soberania da lei, que ora vinculava o cidadão anónimo e indigente, ora o magistrado mais zeloso das suas funções. É certo que nem todas as pólis tiveram capacidade (ou ensejo) de cumprir, de forma igualmente isenta

e eficaz, este ideal de orgulhosa autonomia, embora ele fosse partilhado, em termos gerais, por todas as cidades-estado. Não surpreende, por isso, que este princípio surja, a cada passo, nas obras literárias e constitua, em particular, a fonte perene que alimenta o caudal de grandes emoções retratadas no teatro, especialmente na tragédia.

A educação pela pólis e para a pólis (isto é, para o exercício empenhado e consciente da cidadania) exige de cada cidadão (*polites*) um envolvimento direto nos interesses da cidade, tarefa que representava, ao mesmo tempo, uma regalia e uma obrigação. Antes de mais, um privilégio, em relação a todos quantos se encontravam excluídos, em maior ou menor grau, do uso pleno daquele estatuto (estrangeiros, metecos, escravos, mulheres e crianças), quer uma tal situação fosse definitiva ou apenas temporária (como aconteceria com um menino, filho de pais cidadãos, que não houvesse atingido ainda a maioridade). Mas o exercício da cidadania constituía também uma obrigação, à qual alguns poderiam sentir a tentação de fugir, pois ao cidadão comum, mesmo que não fosse particularmente ambicioso, o Estado exigia, de forma transversal, o envolvimento

nas atividades militares, na administração da pólis e na aplicação da justiça.

Característico, ainda, da mundividência da pólis era o seu particularismo e a forte determinação de manter uma autonomia e identidade próprias. E assim, da mesma forma que a Hélade representava para os Gregos um espaço cultural e ideológico comum, que lhes permitia cultivar, em relação aos que não partilhavam esse mesmo universo de valores, uma orgulhosa consciência de superioridade moral, sofria igualmente de uma incapacidade congênita para se agregar numa grande nação. Para isso acontecer, cada cidade teria de abdicar da pretensão de ser um Estado autónomo e soberano (com leis e constituição próprias), capaz de promover uma política interna e externa independente — e perder estas características equivalia a negar a própria essência do sistema.

É por motivos como estes que a leitura da Grécia nunca pode ser linear, tanto para quem lhe imagina agora os contornos idealizados, como para quem realmente nela viveu. E nisso reside, em grande medida, o suave ‘milagre grego’: numa abundância de sensações iridescentes, de arrebatamentos hermenêuticos, de encantos místicos, de espiritual alienação (esse

enthousiasmos fugaz permitido pelos deuses) — ou então apenas e só em luz intensa, em salso azul, em poeira cálida e nesse canto rouco e inebriante das miríades cigarras estivais.

PORQUÊ O TEATRO?

Há um dado que marcará de forma indelével a experiência dramática grega, no que à tragédia e à comédia antiga diz respeito: a sua natureza ‘política’, isto é, a relação viva e empenhada com a realidade da pólis democrática ateniense, de que constitui simultaneamente reflexo, apologia e ponderação crítica. É portanto legítimo esperar que, embora sem perder de vista a realidade intemporal do universo dramático plasmado em cada peça e válido por si mesmo, as circunstâncias históricas que rodearam a criação e representação do teatro grego, no seu contexto original de produção, possam ter tido algum peso na forma como as obras terão sido entendidas pelos espetadores atenienses. Assim poderá ter acontecido, por exemplo, com a *Oresteia* de Ésquilo e as reformas de Efialtes, que reduziram os poderes do conselho

do Areópago, ou então com a *Medeia* de Eurípidés e a lei da cidadania apresentada por Péricles, que vinha limitar o acesso ao estatuto de cidadão.

Em todo o caso, se é correto falar de um horizonte legal que sirva de referente para o teatro grego, importa não confundir essa manifestação da energia vital da pólis com a mera expressão artística de uma eventual ideologia política. Uma operação dessa natureza estaria exposta a um duplo erro: por um lado, sugerir que o teatro grego estava ao serviço da propaganda ideológica; por outro e em consequência do primeiro, reduzir a mundividência do poderoso fenómeno dramático a um afloramento circunstancial de agendas políticas. Com efeito, nem os traços dessa ideologia propagandística são detetáveis de forma clara (mesmo na comédia antiga, que cultivava, pela própria natureza do género, uma relação mais direta e assumida com a realidade política do momento), nem o teatro grego alcançaria a perenidade e importância que o caracterizam se fosse entendido como simples manifestação artística ao serviço de determinado regime ou governante. A consideração do horizonte histórico e político do drama antigo expande os níveis de interpretação do

fenómeno teatral, mas não pode ser usada a ponto de adulterar ou manietar a liberdade criativa e crítica dos dramaturgos atenienses. A dimensão política do drama grego deve, pelo contrário, ser entendida como expressão do envolvimento do indivíduo nos interesses e assuntos da coletividade, da pólis, sem ignorar as tensões decorrentes da própria evolução na forma de entender a pertinência desse mesmo envolvimento.

Em termos globais, estes vários elementos contribuem todos, na verdade, para entender a essência do que era colocado em cena: a experiência da vida em democracia. Mostra-o de forma clara a comédia de Aristófanes, por exemplo, não apenas na intensidade com que se atreve a atacar as figuras políticas do momento, como ainda na forma como procura encontrar (no plano da utopia ou no campo da iniciativa privada) soluções para um conflito fratricida e ruinoso, como acontecia com a Guerra do Peloponeso, no último quartel do séc. V a.C. Ilustra-o igualmente a tragédia, como atrás se dizia a propósito da *Oresteia* e da *Medeia*, mesmo quando o assunto remete para um passado mítico ou protohistórico, pois o mito possui, precisamente, a vantagem inegável de

estimular a reflexão crítica sobre problemas atuais através de um efeito de distanciamento, visível apesar de tudo mais em aspetos acessórios do drama do que no âmago das grandes questões evocadas. Com efeito, o teatro possui uma estatura intemporal, pela forma como coloca em cena questões que têm que ver com os próprios dramas da existência humana.

Ainda assim, convém não esquecer que a dimensão cívica do teatro se prendia também com opções muito mais práticas, que tinham de ser tomadas bastante antes de surgir a magia do espetáculo. Iniciava-se com o próprio momento escolhido para as representações (os festivais dionisiacos), que Atenas soube integrar nas manifestações de religião oficial, retirando, por esta via, a um culto potencialmente perigoso e perturbador da ordem pública, o risco do descontrolo. Por outro lado, os festivais dramáticos eram ainda, em si mesmos, um *theatron-spectaculum* da própria cidade, que o berço da democracia facultava aos milhares de estrangeiros que a visitavam, em particular por altura das Grandes Dionísias. E assim, o teatro constituía também uma poderosa arma diplomática e negocial, enquanto prova de desenvolvimento

civilizacional e manifestação pública do nível de apuramento artístico atingido por Atenas.

PORQUÊ AS TROIANAS?

A saga da Casa dos Atridas constitui um dos ciclos míticos mais notáveis e poliédricos, pela forma como permite explorar a Guerra de Troia segundo a mundividência da tragédia e em todas as consequências nefastas daquela excessiva empresa: a afronta cometida por Páris; a decisão dos dois Atridas de convocarem uma grande expedição punitiva; as dificuldades e indecisões enfrentadas na partida; a magnitude do castigo de Troia em comparação com a natureza do agravo; a exposição a que os guerreiros gregos submeteram a casa (*oikos*) de origem durante a sua longa ausência; os vários regressos (*nostoi*) dos heróis vencedores, as retaliações múltiplas e o restabelecimento final da ordem — tão ansiado e sempre adiado em cada nova abordagem. Trata-se, com efeito, de uma teia dramática intemporal, que começa por ter implicações éticas, que são herdeiras, antes de mais, dos antigos códigos que norteavam

o comportamento dos heróis homéricos, tanto no que se refere à atuação em combate, como ainda, e sobretudo, aos laços de hospitalidade e de convívio social. A esse nível, a forma como Páris desrespeitou Menelau, seu anfitrião, ao raptar-lhe a esposa, foi uma transgressão óbvia e evidente das mais elementares regras de convívio humano, mas constituiu ainda um grave erro de diplomacia externa. De facto, a ofensa não é somente pessoal e familiar, mas reveste-se também de um significado ‘político’, que vinculará o *oikos* dos Atridas e a cidade de Troia: ou seja, exprime uma afronta direta de um Estado a outro Estado, feita na pessoa de um dos seus mais elevados representantes. A questão da justiça reveste-se, em seguida, de conotações religiosas igualmente importantes, mas que acabam por não facilitar a resolução do conflito. De facto, a vingança do agravo de Páris constitui uma exigência dos próprios deuses enquanto guardiães dos princípios recíprocos da hospitalidade (em particular, de Zeus *Xenios* ou ‘hospitaleiro’). Por conseguinte, Agamémnon é, a esse nível, um emissário divino, se bem que ele acabe por ultrapassar a missão que lhe havia sido atribuída, ao ceder à propensão para o excesso que

o caracteriza, expondo-se assim à inevitabilidade do castigo e nessa queda arrastar muitos mais.

Mas para além da aura resplandecente que acompanha os vários heróis gregos e troianos — homens, de máscula determinação, na força da idade —, o grande conflito expunha também a situação de todos quantos nele se viram envolvidos, de forma indireta e involuntária, e dele viriam a sofrer as consequências mais duras, em particular ao serem devorados pelo caudal da desgraça coletiva: anciãos, mulheres, crianças inocentes. E se Homero, o grande vate inspirador, os acolhe também na epopeia, é sobretudo na tragédia de Eurípides que conquistam a plenitude indagadora da cena, como acontece no drama *Troianas*, em que os traços do mito cristalizam, de forma admirável, este seu cortante escrutínio da humana condição.

A peça homónima de Jaime Rocha e de Hélia Correia nutre-se abundantemente de todos estes porquês, cujas raízes profundas se cravam na seiva feliz do mito. Alimenta-a a mesma indagação inquieta sobre a perdida identidade helénica, que não se esgota nas muralhas fumegantes de Troia nem na dourada tepidez dos hieráticos blocos da Acrópole:

é um corpo vivo que pulsa e sofre a cada inalação cáustica do anunciado fim da história. Anima-a, até às raias da alienação dionisiaca, o drama patético do esgar da esperança, em luta desigual com as peias da má fortuna. Envolve-a, por fim, em negra bordadura, o lupino sarcasmo de quem desertou de paragens humanas, cujo silêncio esvaído contrasta com a álaure “festa da montanha”.

Estas revividas *Troianas* são um drama notável, que brilha com luz própria e desenha em cuidada filigrana verbal a complexidade imensa da Hélade — não uma apenas, mas ‘tantas Grécias quantos os leitores’. *Tot Graeciae quot lectores*, poderia de facto dizer-se, deixando que a *mimesis* expanda o princípio da criação artística e sensorial, sobrepujando a experiência política e legal.

Delfim Leão

Coimbra, março de 2018

AS TROIANAS

Para a Professora Maria de Fátima Silva

PESSOAS DO DRAMA: Corifeu, Hécuba, Agamémnon, Ulisses, Pirro,
Menelau, Taltíbio, Cassandra, Helena, Andrómaca, Políxena,
Fantasma de Aquiles, Guarda, Coro dos Lobos, Coro das Cativas,
Coro dos Cidadãos

PRÓLOGO

*Troia está em ruínas, incendiada. Ouve-se uivar.
Hécuba está sentada na areia da praia, um pouco
afastada das tendas dos guardas. Aproxima-se um
coro de seres parecidos com lobos.*

Corifeu

Podemos nós, os animais de caça, esquecer os dons da orientação? Jamais. Jamais nos montes correu voz de que um bicho selvagem se perdeu. E, no entanto, irmãos, tendo deixado ao fim de tantos anos nossos fojos, tendo descido da montanha em grande risco de lá não regressarmos – pois dos humanos só nos ficam maus encontros e à morada deles nos chegamos, pelo menos é o que me diz o instinto -, no entanto, irmãos, não avistamos a cidade! Só fumo e fogo e estes uivos que só podem provir de feras capturadas. Fêmeas: uivo de fêmeas, sim, fêmeas paridas, mas que ainda têm os pulmões nas crias, e o coração nas crias, e o centro de toda a dor nas crias, fêmeas-mães. É por esse uivo que nos deslocamos, nós, os lobos, nós, os que fugimos dos

nossos antros ao redor de Troia, meses depois de a guerra começar. Pois foi quebrada a ordem natural do pastoreio, o roubo dos carneiros comedores de erva que é, por sua vez, comedora de sol, sendo que tudo desempenha o papel apropriado.

Pausa

É, sem dúvida, Troia. Ali se vê o rio, a praia, o mar. Com a diferença de que estão negros. Tudo enegreceu. Quando fomos de vez para as montanhas, lembram-se irmãos, aquilo que a nossa vista conseguia alcançar era vermelho. Ensopado de sangue. Água e areia. Esse vermelho que nos enfurece, que faz endoidecer o coração, até para nós, os lobos, foi demais.

O horror! O horror! Que raça aquela! Imaginai, irmãos, que nos lançávamos uns contra os outros com o fito de matar. Para quê? Não sei. Sem o menor proveito. Pois, assim como nós não nos comemos, eles tão-pouco se comem. Matam, matam e deixam os cadáveres pelo chão. Difíceis de entender, estes humanos. Queimam os mortos, uns, os outros metem-nos sob pedras, em covas pela

terra. Não os comem. Então, qual o sentido, porquê tanta vontade de matar? Parece até, podíamos pensar, que são bondosos para com as feras, que a guerra é feita para as alimentar. Qual quê! Enchem o campo de batalha com a bela carne dos assassinados, depois dançam e fazem-nos arder!

Pausa

Por certo não é Troia. Cheira a fumo. Não ao fumo que sobe dos casebres, sinal de refeição entre os humanos. Não ao fumo dos queimadores sagrados de onde esvoaça a cinza do loureiro. Nem ao fundo do incêndio que os raios na primavera ateam na floresta. É como se atirassem às piras dez mil corpos. Um gigantesco desperdício. Sim. Isto é Troia? Foi Troia? Não interessa. O mundo deles não é o nosso mundo. Bem sei que eles sempre usaram as fogueiras para nos afastar, mas avancemos. Não temos já de comportar-nos como quando as coisas eram definitivas dos dois lados. Ouvis, irmãos? Os uivos estão mais perto. Chegaremos à dor não tarda nada. À barriga da dor. A mãe das crias. Sozinha. Separada da alcateia. Os filhos enjaulados

ou caídos numa velha armadilha. Numa cova aberta pelas máquinas da guerra. Eh, loba! Loba! Que te aconteceu?

Pausa

Oh, é uma mulher! Mas uiva, ouvis? Passam-lhe na garganta os nossos sons. Não fala a sua língua complicada. Pela primeira vez nos entendemos, humana e lobos? Feras, todos nós? Grita assim porque é mãe, a criatura. A história toda se resume a isto.

Hécuba

A dor... A dor do parto não é nada...

Corifeu

Oh, vai falar. Falou. Que terá dito? Em vão corremos este risco. Mas jamais aconteceu que confundíssemos a voz da humana e da loba. Quase desperta pena, esta mulher.

Hécuba

Tivesse eu sido infértil, oh, tivesse...

Corifeu

Ponhamo-nos a salvo. Irmãos, fugi. Não podemos fazer nada por ela. Ah, espoja-se no chão, depois coloca o peso nos joelhos e nas mãos, um animal, uma cadela.

Hécuba

Rainha, me diziam os meus súbditos.

Mulher de rei e mãe de rei futuro.

Mãe! Veneranda, me chamavam. Uh!

Corifeu

Esperai. Uiva outra vez. Será que vai transformar-se, de facto, num de nós? Está tão diferente dos da sua raça, seres que o orgulho desequilibrou fazendo-os andar sobre duas patas, anormalmente eretos, sempre em esforço para não se curvarem e enfeitados de ornamentos ridículos, por falta de pelo próprio, ao menos de penugem. Não percebo o que diz, mas vejo bem como se roja agora. Velha, feia, nojenta criatura.

Hécuba

Geradora de príncipes, tornada

de um momento para o outro, escrava. Uh!

Corifeu

Não tem crias pequenas. Netos, sim. É pelos netos que uiva? E onde estarão? Será uma cilada? Alguém nos atraiu aqui para quê?

Hécuba

Fingiu que não me via, o guarda. Sabe que não posso ir mais longe. Quero apenas sentir contra os meus ossos esta terra de que fui, sou rainha. Serei sempre!

Ergue-se com fúria

Corifeu

É de arrogância que esta gente é feita. Outras nações, contam os ventos, há, e grandes nações são, em que os deuses temidos pelos humanos têm cabeças de animais; outras em que ao deus supremo não é dada imagem. Mas estes, vencedores e
[vencidos,
Helenos e Troianos, são iguais no conceito elevado de si mesmos. Enchem os templos de figuras de homens e de mulheres. Não têm modo de conceber os
[todo-poderosos
se não esculpindo a sua própria raça.

(Hécuba, levantada, solta um longo grito de guerra, bate com as mãos no peito). Oh, soa como um grito de alcateia!

Hécuba vê os lobos que se aproximam muito

Hécuba

Ah, chegaram as feras! Pensarão
que finalmente podem ocupar
esta cidade de que nunca ousaram
sequer aproximar-se? Bem se enganam.
É a pata dos Gregos que aqui pisa.
E onde ela pisa o mato jamais cresce.
Lobos! Andai, voltai para as montanhas,
pois se ficais, eles matam-vos também!

Corifeu

Ela que diz? Fala connosco!

Hécuba

Porque não nos levais? Bastava apenas
que matassem os guardas. E as mulheres
desta casa real seguir-vos-iam,
tornar-se-iam selvagens como vós.

Os dentes das crianças cresceriam
agudos, como os vossos. Mais capazes
de filar a garganta dos Helenos.

*Acerca-se dos lobos que se assustam, por
incompreensão, e se afastam*

Lobos, esperem. Levem-nos, libertem-nos.
Se não nos salvam, quem nos salvará?

Corifeu

Vamos, irmãos! Onde os sinais do medo, os quadris
agachados, em silêncio, deixemos esta história para
trás. Não somos, nunca fomos criaturas de vaguear
entre ruínas.

*O guarda vem buscar Hécuba e leva-a para
mais perto da tenda. Começa a ouvir-se uma
cantilena.*

Coro das Cativas

Quem nos dera que a neve nos tivesse
obrigado a vogar de terra em terra.

Feliz daquele que sem pátria erra
e do lugar onde nasceu se esquece.

Feliz de quem da tenda um céu avista
para na noite a seguir outro céu ver.
Sem nada semear, nada colher,
feliz quem não depende nem conquista.

Maldito o lar, malditos os cantores
que com beleza enganam os meninos
dando o nome de heróis aos assassinos,
dando o nome de pátria ao chão das dores.

Ah, filhos meus, tivéssemos partido
para longe, atrás das aves migratórias,
de modo a que o veneno das histórias
não fosse penetrar no nosso ouvido.

Oh quem nos dera entrar nesse navio
como carga sem vida que não sente.
Mas ai, eu sinto e lembro e, estranhamente,
sob esse sol de verão tremo de frio.

CENA I

*Na muralha, Agamémnon, Ulisses, Pirro,
Menelau, escolhem as escravas,
atirando pedras na direção da praia.
Taltíbio está presente.*

Ulisses

Esta é a melhor parte da guerra.

Agamémnon

Para os vencedores.

Ulisses

Agora que escolhemos as nossas escravas...

Taltíbio

E que o saque se dá por completado...

Ulisses

Podemos navegar em segurança para nossas casas.
Agamémnon, manda largar as naus, já nada nos
prende nesta terra queimada.

Pirro

Esqueceis-vos daquele cujo braço musculado nos deu a vitória, parece-vos longe da vista a imagem triunfante do nobre Aquiles a arrastar Heitor pelo chão de Ílion.

Ulisses

Ninguém será esquecido, muito menos o nobre Aquiles, mas o que estamos aqui a fazer é a escolher as nossas escravas, os nossos troféus de vencedores. É isso que compete aos vivos.

Taltíbio

E nada já pode ser remediado no que respeita aos mortos.

Pirro

Não terá ele também direito ao seu troféu? Ou deixou de ser herói, estando morto?

Agamémnon

O filho do ilustre Licomedes terá todas as honras que merece, mas deixemos essas exéquias para quando chegarmos à terra grega. É lá o lugar indicado para as homenagens. O povo saberá gritar por ele.

Pirro

O seu corpo permanece, no entanto, aqui neste chão vencido, num túmulo que ficará longe dos Helenos. É, portanto, aqui que devem ser feitas as homenagens, esse era seu desejo, como confiou a Taltíbio.

Taltíbio

São verdadeiras as palavras de Pirro, não as posso negar.

Agamémnon

Falas como se teu pai ainda pertencesse a esta vida. Ou tu e Taltíbio agora conversam com os deuses durante a noite, nas minhas costas? Ulisses tem razão, as honras a Aquiles serão feitas mais tarde, em Esparta, em Micenas, em Argos, na Trácia, por toda a parte onde houver terra grega.

Pirro

Vós tendes já Políxena, nada mais vos importa senão deitar-vos com ela e adormecer, cegos de desejo.

Ulisses

E tu, Andrómaca, a bela Andrómaca. Foste tu que a escolheste ou é um fardo demasiado grande para ti? Já eu não posso dizer o mesmo porque me calhou uma velha.

Taltíbio

Velha, mas rainha.

Ulisses

Rainha e cadela.

Taltíbio

Tu o saberás quando te deitares com ela.

Agamémnon ri, Ulisses e Taltíbio acompanham-no e brindam às escravas.

Agamémnon

Taltíbio não entra nestas escolhas por direito próprio, ele saberá que troféu quer e há de certamente encontrá-lo. (*Vira-se para Menelau*)
Menelau está muito calado. Não dizes nada, porque não escolhes a tua escrava entre as troianas

disponíveis. Não faltam por aí jovens mulheres para te acudir nas noites de insónia.

Taltíbio

Menelau procura forças para matar Helena, isso tolhe-lhe os membros e o pensamento. Não tem espaço para outra mulher.

Ulisses

São apenas escravas, nada mais.

Menelau

A minha escolha, a mim me pertence. Helena já não é minha mulher, pertence ao rol das cativas que vão morrer ou pode ser escolhida por quem quiser, pode até ser dada aos cães.

Taltíbio

Falas com fervor, como se ela ainda te abanasse as pernas, quase com um choro a sair-te dos olhos.

Ulisses

Um cadáver adiado. Quem quererá meter-se naquele corpo já a caminho da morte.

Agamémnon

Deixem Menelau entregue ao seu silêncio. Não se mata uma esposa sem sofrimento.

Pirro

Sinto-vos muito divertidos a falar de escravas e da morte de mulheres. Todos nós queremos troféus por direito de conquista e também as mais bonitas e saudáveis cativas. Eu dou-me por satisfeito por me ter calhado Andrómaca, filha de rei e rainha, mulher do ilustre Heitor, morto por meu pai. Talvez possa apaziguar o luto dela, tornar a sua vida mais serena. Mas, meu pai, porque será ele sempre aquele a quem roubam o que lhe é devido? Porque não poderá ele repousar ao lado do seu escudo e da sua espada?

Taltíbio

O nobre Aquiles já teve o seu minuto de paixão e isso ninguém pode repetir, só os eleitos.

Agamémnon

De que falas tu, homem?

Taltíbio

Da melhor das amazonas, de Penteseleia.

Pirro

Há outros troféus de guerra para além do corpo das mulheres.

Agamémnon

Então, que sugeres tu?

Começam a ouvir uma cantilena.

Ulisses

Calem-se. Não ouvem?

Agamémnon

Parecem as amazonas. Mas ainda estão vivas?

Afastam-se para o sítio de onde vem a cantilena.

É de novo o Coro das Cativas

(...)

Maldito o lar, malditos os cantores
que com beleza enganam os meninos
dando o nome de heróis aos assassinos,

dando o nome de pátria ao chão das dores.

Ah, filhos meus, tivéssemos partido
para longe, atrás das aves migratórias,
de modo a que o veneno das histórias
não fosse penetrar no nosso ouvido.

(...)

CENA II

*Políxena, Hécuba, Andrómaca e Cassandra na
tenda das cativas*

Políxena

Talvez os deuses sejam, afinal,
mais piedosos do que suporíamos.

Andrómaca

De que piedade falas, Políxena?
Por nos deixarem vivas, achas isso?
Não menos infeliz é o teu irmão
e meu marido, Heitor, que o Hades tem.

Hécuba

Não penses assim, filha. Vivo é vivo.
Se alguma volta do destino houver
somente aos vivos beneficiará.

Cassandra

(Dançando à roda) Oh, sim, as voltas do destino, as
voltas.

Que língua falarão outras cativas,
as bárbaras escravas por quem tanto
desprezo alimentamos? À vista delas
somos escravas de alta nobreza.

Hécuba

Sabemos todos que o desconhecido
gera o medo maior. Pior que o mal
é não se adivinhar que mal será.

Cassandra

Pior que o mal é conhecer o mal.
É tê-lo não aqui (*no estômago*) mas na cabeça,
dentro dos olhos. Vê-lo claramente.
Saber tudo o que vai acontecer
a cada uma, servas e princesas,
princesas-servas.

Políxena

Porque não partimos?

Hécuba

Dizem que os barcos estão presos, sem vento.

Políxena

Oh, que pavor! É como se os nossos pés
pissassem o incêndio para sempre!
Se falta o vento, pois que venha o vento.
Sacrifiquem aos deuses qualquer coisa,
esses Helenos! Uma vaca, um bode!

*Cassandra que conhece o futuro ri
histericamente*

Cassandra

Oh, uma vaca, um bode! Uma pombinha!

Hécuba

Filha, sossega.

Políxena

Acalma-te Cassandra,
ainda fazes com que eles nos separem.

Hécuba

Só não nos separam porque não
têm tendas bastantes. Esta e a outra...

Políxena

A de Helena há de ter algum conforto.
Gente para a servir. Bacias de água.
Talvez até um pente de ouro, sim.
Causou a guerra e não sofreu um arranhão.
Ah, que a não ponham no navio em que eu
também seja levada.

Cassandra

Ah, não! Não põem!
Não te põem num barco com ninguém.

Andrómaca

Acordaste o menino, vês? Com essas
disparatadas frases, esses gritos,
esses risos de louca! Está calada!
(*Para Hécuba*) Rainha, vê se a fazes sossegar.

Hécuba

Rainha, eu? Porque me dais tal nome?

Andrómaca

És e serás para sempre Rainha. Avó de rei.

Cassandra

Avó de rei! É esse o rei? Pois sim!

Nem escravo, o desgraçado. Carne morta!

Andrómaca

Cassandra, basta! Intolerável é

já o nosso destino. A tua voz

só nos aumenta a dor.

Hécuba

(Vira-se para o guarda) Guarda, vem cá.

Permite que Cassandra saia um pouco.

Já a ouviste, não? Como uma louca

ri, ao ver a tragédia. Ri e dança,

embatendo nas outras, nas que estão

devidamente ajoelhadas. Não!

Não penses amarrá-la.

Não é por mal que o faz, é por delírio.

E o delírio respeita-se, não é?

Deixa-a sair um pouco. Ela não foge.

Nem tino tem para fugir.

(O guarda acede) Cassandra,
filha! Vai! Espairece um pouco!

Cassandra sai

CENA III

O Fantasma de Aquiles aparece a Pirro

Aquiles

Esse homem pensa que ainda manda nos exércitos e na armada. Ele é o culpado de todos os males com a sua arrogância e despotismo. Gosta de afrontar os deuses, de roubar as mulheres dos outros. Primeiro Ifigénia em Áulis, agora Políxena em Troia. Sem mim, ele estaria neste momento choramingando pelos cantos, envergonhado por ter sido vencido pelos troianos, feito escravo a mando de Príamo, ferido certamente pela espada de Heitor.

Pirro acorda e dirige-se para o vulto

Pirro

Quem fala assim dessa maneira contra Agamémnon, escondido pela noite?

Aquiles

Um morto, um infeliz vindo do Hades, herói entre os vivos, cadáver inquieto entre os mortos. Sou

aquele que não consegue dormir enquanto a minha alma não for vingada, enquanto as cinzas de Políxena não forem colocadas sobre o meu túmulo.

Pirro

Não posso acreditar. Momento inesperado este que me é concedido. És o meu querido pai, morto e, no entanto, falando comigo. Se eu pudesse tocar-te ao menos que fosse, mas és apenas uma sombra, sem carne. Mas ao que vens? O que pode uma sombra querer dos vivos? O que posso eu fazer por ti, ainda?

Aquiles

Venho para exigir o que me é devido.

Pirro

Fala e eu cumprirei o teu desejo.

Aquiles

Políxena foi-me prometida como esposa pelo ilustre Príamo.

Pirro

Mas Agamémnon tomou-a para escrava.

Aquiles

Ele quer sempre as mulheres que me pertencem.

Pirro

Agamémnon continua a ser o comandante dos exércitos gregos. E vencedor. É bom que o não esqueças. Tem a primazia da escolha. A ti, ser-te-ão feitas as homenagens que mereces, isso foi-me prometido por todos os heróis desta guerra.

Aquiles

As homenagens não me bastarão. Quero ficar de posse da mulher que continua a ser a minha noiva.

Pirro

De posse como? Os vivos não pertencem aos mortos.

Aquiles

Justamente. Quero que seja imolada sobre o meu túmulo. O sangue dela embeberá as minhas cinzas.

Pirro

Matá-la, eu? Não executo mulheres a não ser quando invado uma cidade.

Aquiles

É uma ordem.

Pirro

Não aceito essas ordens. Não te fartaste de guerra, de tanta crueldade? Isto acaba aqui, pai. Os sacrifícios são devidos aos deuses. E já não se sacrificam seres humanos entre nós. Nem Ifigénia foi realmente sacrificada.

Aquiles

(*Furioso*) Como te atreves? E que sabes tu dos deuses? Da deusa Tétis, minha mãe e tua avó, consegui, mesmo morto, uma promessa. À semelhança do que aconteceu à vinda, os ventos não soprarão para vos levar enquanto não sacrificarem Políxena.

Pirro

Pai, ouve-me.

Aquiles desaparece. Ouve-se o Coro das Cativas

CENA IV

Na Muralha. Agamémnon discute com Pirro.

Agamémnon

Não deves censurar-me pela escolha que eu faço das cativas. Deves é olhar para dentro de ti e culpar-te por teres assassinado o troiano Príamo enquanto ele suplicava pela própria vida, agarrado ao altar que já não lhe protegia a família. Não se mata um suplicante, estando ele de joelhos perante o conquistador e, ainda por cima, sendo idoso e rei. Deste um mau exemplo do que é a honra dos aqueus.

Pirro

Falas-me de honra e de assassínio. Certamente não falas como pai. Esqueceste já que foi pelas tuas mãos, em Áulis, que correu o sangue de Ifigénia. Não é isso crime maior?

Agamémnon

Seres filho de Aquiles não te permite falares-me desse modo. Que sabes tu da Grécia e da dor que é

preciso suportar para que ela se mantenha à superfície, para que seja respeitada pelas outras nações, pelos seus povos, pelos nossos amigos e inimigos? O teu horizonte é muito limitado.

Pirro

Sei tanto como tu, pois herdei a honestidade e a fúria de meu pai.

Agamémnon

Teu pai morreu herói, nenhum outro o conseguirá igualar.

Pirro

Agora lisonjeias-me com palavras elogiosas, quando em vida o afrontaste, roubando-lhe Briseida, a cativa a quem ele mais amava.

Agamémnon

Isso são coisas da guerra, coisas de homens. Quem se importou que o velho sacerdote Crises me entrasse pela tenda a resgatar Criseida, minha escrava e concubina, sob o pretexto de que o

adivinho Calcas declarara que só restituindo a filha a Crises a ira dos deuses seria acalmada?

Diz-me, quem?

Pirro

Tu és o rei supremo, o comandante dos exércitos, tens por isso mais deveres do qualquer um de nós. A vida dos guerreiros aqueus depende de ti. Não podias deixar de devolvê-la, para bem dos teus, se os deuses o exigiam.

Agamémnon

Falas bem, melhor do que teu pai, mas não sabes o que é vermos levarem uma mulher que desejamos ter na cama.

Pirro

E porquê vingares-te logo em Aquiles, raptando-lhe Briseida?

Agamémnon

E porque ficou ele tão ofendido? Devia ter-me entregado de bom grado. Eu sou, eu era superior na hierarquia.

Pirro

A história contará como foi má ideia desafiáres Aquiles. Sem a ajuda dele, serias rei de um exército vencido.

Agamémnon

Sim, é verdade que reconheci precisar dele para os combates. Adulei-o. Toda a gente tentou que saísse da tenda, que esquecesse o amuo.

Pirro

Aquiles era teimoso... é teimoso.

Agamémnon

É teimoso? É teimoso?! Tu falas como o filho de um pai vivo. Teu pai morreu. Honremo-lo e esqueçamos.

Pirro

É perigoso esse voto de esquecer um herói. Sonhei com ele há pouco, sabes?

Agamémnon

(Assustado) Com ele? Um sonho? Um disparate, não?

Entra Taltíbio, interrompendo o diálogo.

Taltíbio

Há agitação na praia, as mulheres estão em fúria e ameaçam suicidar-se uma a uma, fugindo assim à escravidão e à cama dos vencedores.

Entra Ulisses, logo de seguida

Ulisses

Ouçam, os soldados começam a ficar impacientes. Desejam ardentemente regressar à sua terra. Como, se não há vento? Os barcos não conseguem mexer-se um centímetro sequer.

Agamémnon

Parece que voltamos ao princípio, quando não houve vento para partirmos da Grécia e...

(Cala-se, embaraçado com a lembrança de Ifigénia)

Ulisses

Esperemos com paciência. Os ventos hão de vir. Não penses, rei, em cenas tão cruéis. Dizem, aliás, que

Ifigénia está viva. Que a deusa Ártemis a trocou por uma corça e a levou para Táuris.

Agamémnon

Sim, também me contaram essa história. Mas aceitei matá-la, ergui a espada contra o seu peito. Ainda ouço o som daquele embate.

Ulisses

Já passaram dez anos.

Agamémnon

Nada passa. Que ao menos tenha sido essa a última vez em que os deuses mandaram imolar um humano!...

Pirro

Eu não estaria tão seguro, ó rei.

Agamémnon

Falas de quê? Esconderam-me alguma coisa?

Pirro

Não poderei esconder-te por mais tempo. A partida das naus depende disso.

Agamémnon

(Adivinhando que se trata de outro sacrifício)

A partida das naus? Não! É Calcas outra vez?
Calcas a impor a vontade dos deuses? Eles que
querem? Um outro sacrifício?

Pirro

Sim.

Agamémnon

De quem?

Pirro

De Políxena.

Agamémnon

Políxena? Porquê? Que deus o exige?

Pirro

Exige-o o meu pai, um semideus.

Agamémnon

Aquiles! Ele ainda! Ele, nos infernos!

Pirro

De minha avó, a deusa Tétis, ele obteve a paragem dos ventos até que Políxena caia sem vida sobre o túmulo do herói.

Agamémnon

Políxena porquê?

Pirro

É sua noiva.

Agamémnon

Agora é minha. Quero-a para escrava. Escolhi-a com o direito que me cabe.

Pirro

Escolheste-a por ser noiva do meu pai. Mas tu não podes rivalizar com ele. A morte pode muito mais que a vida. Eu próprio a vergarei e cortarei a sua branca garganta e velarei para que do seu sangue nem uma gota fique por cair para ensopar as cinzas do herói. Ele o quer e os deuses o exigem.

Agamémnon

Falas como filho do teu pai, Pirro. Vejo nos teus olhos a mesma paixão pela morte, esse fulgor pelo silêncio da carne, pela ausência da voz. A paixão dele por Pentesileia. E tu vais pelo mesmo caminho, o teu sangue fala do mundo das sombras como se esse fosse o mundo dos vivos. Deixa esse destino para os abutres, para os lobos.

Pirro

Eu quero honrar meu pai. E tu vais querer que os barcos regressem à mãe Grécia.

Agamémnon

Eu escolhi Políxena para minha escrava. Todos o testemunharam. A distribuição das cativas foi acordada por nós. Não fui eu já antes condescendente ao entregar Criseida ao pai e a devolver Briseida a Aquiles? Agora querem que renuncie a Políxena. Que mal fiz eu aos deuses para me tratarem deste modo? Não continuo eu a ser o chefe supremo da armada argiva? Não os respeito como devo, com oferendas, com libações? Isto não passa de uma invenção de Pirro.

Ulisses

Só podemos ter o conhecimento da verdade depois de executarmos Políxena. Se os ventos acordarem então, fez-se o correto.

Pirro

Agamémnon não se pode queixar, terá todas as cativas que desejar para o aquecerem enquanto Clitemnestra aguarda em Micenas.

Agamémnon

Não podias tomar partido senão pelo teu pai. Isso fica-te bem. Não te quero mal, mas a História não deve repetir-se. E a repartição dos desejos está feita. Políxena pertence-me.

Pirro

Não. Pertence a meu pai. Foi sua noiva. E na morte será sua mulher.

Agamémnon

Eu sou o comandante supremo. Que estranha disputa esta!

Pirro

Quem pode mais? Os vivos ou os mortos?

Agamémnon

(Começa a temer o confronto) Nunca temi os vivos.
Mas com os mortos a luta é desigual.

Pirro

Agora são os mortos e os deuses que se aliam.

Agamémnon

Ah, cão, vejo que estás feliz com isto! Queres
causar mais sofrimento a uma mãe?
Não ouves como Hécuba uiva de dor, a ver o
sangue dos filhos a escorrer a seus próprios pés.
Não se pode tirar todas as crias a uma fêmea.
Páris, Heitor, chega de matança. Um grego
nasce com compaixão nas veias, a morte só é
justa numa guerra. Não para castigar mulheres
vencidas.

Pirro

Não falas como rei, fazes tábua rasa da honra de
Aquiles.

Agamémnon

Taltíbio, cala-me esse jovem fanfarrão, antes que a minha memória de guerreiro me suba pelo corpo e nada veja à minha frente senão inimigos a quem arrancar o pescoço.

Ulisses

(Afastando Pirro devagar) Tens que ter paciência, Pirro, a seu tempo tudo se resolverá.

Pirro

Pensa que é mais herói do que os outros heróis.

Agamémnon

Quero chegar a Micenas com uma jovem princesa no meu carro e entrar triunfante pela porta dos leões!

Pirro

As mulheres de Micenas virar-se-ão contra ti.

Agamémnon

Chega desta conversa. Não abdicó de Políxena. Podes ir dizer isso a toda a gente, aos adivinhos, aos sacerdotes, aos deuses, a quem quiseres. Também

eu tenho direito às minhas fúrias, aos meus amouros.
Tragam-me Políxena e partiremos de imediato para
a Grécia.

Ulisses

Agamémnon, lembra-te de Ifigénia. Também o
sacrifício de Políxena é preciso para rumarmos à
Grécia. Escolhe outra princesa, outra filha de Príamo.

Pirro

Sim, prova que Políxena não tem interesse especial
para ti. Que não é por ser noiva de Aquiles que
tanto a desejas.

Agamémnon

(Reconsiderando) Seja. Se os deuses se intrometerem
deste modo nos desejos humanos, pois que seja.

(Para Pirro) Mas ai de ti se os ventos não se
levantarem. Matar-te-ei como assassino de mulheres.
Matar-te-ei com as minhas próprias mãos.

Pirro

Juro que foram as palavras do meu pai. Mas muito
bem, aposto a vida nisso.

CENA V

*Ouve-se gritos na praia. Os guardas correm aflitos.
Cassandra foge. As cativas assistem, à entrada da
tenda. Os heróis mantêm-se no alto da muralha.
Agamémnon vê-a.*

Guardas

Agarrem essa louca que ainda comete alguma
desgraça.

Hécuba

Cuidado, Cassandra, entrega-te ou eles matam-te.

*Cassandra anda às voltas, depois para e começa
a cantar e a dançar. Os guardas ficam quietos,
estupefactos com o que está a acontecer.*

Cantiga de Cassandra

*Dança e corre
morre e cala
já o vento
se levanta*

*põe a corda
nos artelhos
dança e voa
dança e cai.*

*Olha a pátria
que se esvai,
esmaga a roda
dos joelhos,
cerra o laço
na garganta.*

*Deixa as cinzas
na cabeça
antes que a cidade
aqueça
e se desfaça
de vez.*

*Cola as pálpebras
com pez,
espeta o ferro
nos ouvidos,
vai no grupo*

*dos vencidos
assistir
ao próprio enterro.*

*Corta a língua,
cose a boca,
que a palavra
não importa,
a palavra
caiu morta
aos pés de
Cassandra a louca.*

Agamémnon

Quem é aquela mulher? Nunca vi ninguém dançar como ela. Se não é uma deusa ou uma bacante, então estarei a sonhar. Taltíbio, diz-me que ela é uma mulher de verdade ou estarei eu fora do meu juízo.

Taltíbio

É a princesa Cassandra, filha de Príamo. Mas tem cuidado que ela tem poderes divinos, nenhum homem se pode aproximar dela sem ficar ferido por

dentro. Além disso, estávamos a falar do destino de Políxena e da exigência de Aquiles.

Agamémnon

Não falemos mais de Aquiles. É passado. Pirro já sabe o que tem a fazer e, para mim, Políxena morreu. Mas aquela mulher, vê como dança e como a sua voz se estende pela praia como uma sereia.

Taltíbio

É uma mulher perigosa, marcada pelos deuses.

Agamémnon

É a mulher que me convém. Não é preciso mais discussões, está escolhido o meu troféu. Que me seja entregue essa Cassandra ainda esta noite. E tu mesmo tratarás disso.

Cassandra termina a dança, esgotada, e é levada pelos guardas para a tenda das cativas onde é recebida por Hécuba e pelas irmãs em triunfo.

CENA VI

Coro dos cidadãos, instalado numa escadaria que vai dar à muralha, fala da morte de Helena.

Coro

Menelau diz que levará Helena para Esparta e lá será morta à vista de todos os argivos, para que o seu corpo não seja sepultado em chão troiano, como exigem os soldados de Agamémnon e o deseja a rainha das escravas.

Menelau

(Menelau aproxima-se) Será morta às mãos daqueles que viram os seus familiares perecerem nesta guerra.

Coro

Será melhor matá-la desde já e o seu feitiço não mais te atormentará, porque é sabido que a beleza dela impede os homens de raciocinar e decidir o que é mais justo.

Menelau

Não vou dar esse prazer a Hécuba que iliba o seu filho Páris das culpas que a ele pertencem. Ela, agora apenas uma escrava, não assistirá nunca à morte daquela que foi minha mulher e que ainda vive para sofrer na carne os padecimentos da traição.

Coro

Isentas assim Helena de qualquer culpa.

Menelau

Helena não é isenta de culpa, mas a sua culpa é de outro teor e, por isso entendida pelos homens.

Coro

As tuas palavras andam em redondo. Foges de uma verdade que está à vista de todos. Não te compreendemos.

Menelau

A sua beleza não foi Helena que a criou, nasceu com ela, foi uma bênção dos deuses a que ela é alheia. Foi essa beleza que a levou à traição, não

o seu desejo de me trocar por outro. Se eu estivera presente e não pensasse senão em guerras, o seu corpo não a teria enganado a si própria. Maior culpa é do hóspede do que daquele que lhe dá guarida.

Coro

E, no entanto, terá que morrer, o mundo dos homens não para aqui nesta praia e nestas muralhas. A Grécia terá de continuar viva e o povo aguarda o regresso triunfal da armada. Sem Helena ou então com as suas cinzas para serem deitadas num altar ao mesmo tempo que se sacrifica um boi.

Menelau

Duras são as vossas palavras para quem deu a vida pelo Dánaos. Acaso não mereço eu um despojo de guerra a meu gosto, já que a atiraram para o seio das cativas?

Coro

Helena não é um despojo de guerra, não é uma cativa. É mais do que isso. É o mal que perturbou toda uma nação e por ela morreram milhares de homens bons.

Menelau

Eu sou rei, não se esqueçam quando falam comigo, irmão de Agamémnon, nascido na Casa dos Atridas.

Coro

E isso dá-te o direito de decidires sobre o fim de Helena? Ou não será ao povo grego que cabe a decisão. Por que razão afinal combateu ele contra os troianos?

Menelau

Se fosse somente por uma mulher, a Grécia não se teria levantado. Ou se Troia fosse uma ilha remota nos confins do Egeu. Será que o Dardanelos é menos importante que Helena?

Coro

Agora falas como um político, fingindo-te preocupado com o comércio, atirando razões de outra esfera para o ar. Daqui a nada comesças a falar de cavalos, de barcos, de oliveiras, de laranjais quando está à vista de toda a gente que não consegues esconder essa paixão insólita por uma mulher que pôs um rival no teu leito. Vemos-te

amolecer Menelau. Que as tuas palavras não sejam ouvidas pelos guerreiros porque eles sim, vão senti-las como uma traição, após esta carnificina de ambos os lados. Não se lhes tira o apetite de ver Helena caída no chão, esvaída em sangue. Que ela siga o destino de Páris e ficarão apaziguados. Eles merecem-no.

Menelau

Respeito a vontade dos nossos guerreiros, só que tive a minha quota-parte de sofrimento e como marido tenho direito à última palavra.

Coro

Então que seja uma palavra sensata. Aqui ou na terra de Argos, ela deve morrer, senão este padecimento não tem sentido. Atraiçooou-te, ofendeu-te, envergonhou a família argiva e pagará por isso, essa é a lei.

Menelau

A lei devia pertencer ao marido e apenas ao marido. Por que não dotá-la ao desprezo, ao abandono numa montanha ao sabor das feras e dos frios. Porque não

levá-la para Áulis. Será preciso matá-la como um animal comestível.

Coro

Fica provado que a beleza de Helena é mais forte do que o teu despeito. A sua sedução vencerá sobre a sua morte. Levá-la-ás de volta a casa como esposa, como se esta guerra não tivesse existido. Serás enxovalhado pelos teus próximos e pelos próximos dos próximos até às gerações vindouras. Não ficarás como herói ao lado de Aquiles e de Agamémnon, não honrarás Ájax nem Nestor. Serás um pária no teu próprio reino. As pessoas afastar-se-ão à tua passagem e cuspirão no chão como se faz a um cão raivoso e moribundo.

Menelau

É essa a imagem que têm de mim, de um homem que perdoa por fraqueza e se deixa ofuscar pelos cabelos de uma mulher.

Coro

Não cabe a nós julgar-te, mas indicar-te o bom caminho. Deixamos o julgamento para o soberano

comandante e para os deuses. Mas se seguires o nosso conselho e trespassares de imediato o corpo de Helena com a tua espada, ficarás no coração dos gregos como o mais corajoso de todos heróis depois daquele que matou Heitor. Ou herói ou covarde, ou digno ou indigno.

Menelau

Antes ser indigno de vós do que ser um assassino a meus olhos.

Coro

A escolha é tua, Menelau, adeus.

CENA VII

Em frente à tenda das cativas, Pirro aproxima-se e diz em segredo ao guarda que vá buscar Políxena.

Políxena

É contigo que vou. Melhor dizendo,
pois que me tornei coisa, não vou. Levas-me.
De entre os destruidores de Troia, tu!
Matador de um pai, filho da fera!
Quê! Tirar-te as sandálias, misturar
tua parte de vinho, até, quem sabe...
(*cala-se, com pudor*)

Pirro

Na cama? A minha puta principesca? Bem podes
sossegar. Eu quero mais que a prometida noiva de
meu pai. Quero a que se deitava com Heitor.

Políxena

Andrómaca? Que faço, então, aqui?
Vens buscar-me para outro? Não sabia
que tinhas dado em moço de recados.

Pirro

Que desdenhosa! Em breve baixarás de vez essa cabeça. Em breve abraçarás os meus joelhos, suplicando pela vida.

Políxena

Pela vida! Que dizes? De que falas?

Pirro

O “moço de recados” vem buscar-te para te entregar a Aquiles.

Políxena

Aquiles! O teu pai! Teu pai morreu.

Pirro

Não eras noiva dele?

Políxena

Que sei eu disso? A guerra faz negócios tal como os faz a paz. Uma mulher da realeza é menos livre às vezes do que uma escrava nessas alianças. O meu pai prometeu-me ao teu, parece.

Se, à conta disso, o cerco terminasse,
belo seria o meu papel na história.

Pirro

Prometida ao meu pai, então! Não negas?
Não negas. Vem cumprir o teu noivado.

Políxena

Como? Aquiles morreu. Deuses, entendo!
É isso o que ele reclama? E como o sabes?

Pirro – A sua alma altiva veio do Hades para te
reclamar. Quer o teu sangue sobre
o seu sepulcro. Não pôde ter-te viva, quer-te morta.

*O guarda que ouviu a conversa entra na tenda,
avisa Hécuba e deixa-a sair.*

Hécuba

Que é isto, filha? Que me diz este homem?
(*Para Pirro*) Ah, maldita linguagem! Assassino
e filho de assassino. Certamente
pai de assassino, tu virás a ser.
Foi Deidamia tua mãe? Não foi.

Mulher alguma te deu o peito.
Bebeste sangue em vez de leite, ó cão!
Que queres de Políxena? Porque ouvi
dizer ao guarda que a irás levar
não como escrava, mas...

Políxena

Não como escrava!

Pirro

Noiva que o teu marido prometeu ao maior dos
guerreiros.

Hécuba

Vivo! Se fosse vivo! Que negrume
perpassa no teu espírito? Que inventas?
Que ganhas em matar uma donzela?
Mataste o rei de Troia. Não te chega,
não te basta essa fama?

Políxena

As coisas são
como têm de ser. Oh, mãe, afasta-te.
Não inales o ar que ele exalou.

Isto é entre ele e eu. Eu e Aquiles.

Hécuba

Não. Isto é entre os vivos e os mortos.
Estamos ainda deste lado, ainda
capazes de esperança. Não, bem sei,
uma velha como eu. Mas estas jovens
mulheres, talvez, num golpe do destino,
reencontrem a sua liberdade,
a coroa que as testas lhes cingiu.

Pirro

O quê? Pensas assim? Velha, viúva, órfã de
filhos – a pior das orfandades – curvada para
o chão, habituando o corpo, que era altivo, ao
futuro trabalho de, por exemplo, catar os cães
nos pátios, tu consegues pensar que a história dá
mais uma volta?

Políxena

Entra, mãe. Leva-a, guarda. Caberá
a mim, e a mim só, este final.
Pois existe um final para cada um
e há que fazê-lo grande. Nós, mulheres,

temos lágrima fácil; vejo agora
que outros papéis, além de suplicantes,
podemos escolher. Pentesileia...

Pirro

Nem sequer era bela, ao que disseram os que
presenciaram o duelo entre a Rainha das
Amazonas e o meu pai. E ele, ao matá-la, amou-a.
Amou-a como não se deve amar.

Políxena

Amou-a? Como noiva? Como a mim?

Pirro

Se fosses homem, explicar-to-ia. O seu membro
viril quis imitar o que a espada fizera, penetrá-
-la. Os guerreiros que estavam perto deles
arrancaram os olhos ao cadáver para que ele se
tornasse repugnante.

Políxena

Nunca tal ouvi falar. Porém,
há um caminho aí, um bom caminho.

Pirro

Isto está a ficar muito difícil. Tanta conversa.
Tanta ausência de temor. Como se fossem os
soldados a criar-te.

Políxena

Sim. Estraguei-te o espetáculo, não foi?
Tenciono estragá-lo até ao fim.
Não me atareis as mãos, soldados. Não
me tocareis sequer. Altivamente
caminharei. E mais altivamente
receberei o golpe no pescoço.

Pirro

Confesso, mulher, que me deixaste muito
desconcertado. Esperava choros, arranhões na face.

Políxena

Querias que eu confirmasse o teu poder.
E é o meu que confirmo. Este poder
de humilhar-te através da indiferença.
Sinto-me tão aliviada, sabes?
Pois uma coisa é certa, não serei
a escrava de ninguém. Não terei dono.

Pirro

Serás a escrava de meu pai no Hades.

Políxena

No Hades não há escravos. Há só sombras.

Feliz de quem deixar a sua história
na boca dos mortais. Eu deixo a minha.

Pirro

Serias uma digna esposa de meu pai se ele tivesse
vivido...Digna dele serás na morte.

Políxena

Não terá o prazer de ouvir os gritos,
os rogos de uma vítima. O silêncio,
uma tranquilidade principesca,
não a resignação, não. A distância
entre os meus sentimentos e os teus
longe me manterá do teu alcance.

(Para os guardas)

Não me toqueis, já disse. Eu sou princesa
e daqui saio em passos de triunfo.
Quem nos não dobra não nos vencerá.

Pirro, prestes a segui-la, fica embaraçado com a atitude dela.

Pirro

Cumpro a vontade de meu pai. Mas o sangue nobre e gelado que dela sairá para impregnar o altar e as cinzas não vai matar-lhe a sede de vingança.

Coro das cativas

Quem nos dera que a neve nos tivesse
obrigado a vogar de terra em terra.
Feliz daquele que sem pátria erra
e do lugar onde nasceu se esquece.

Feliz de quem da tenda um céu avista
para na noite a seguir outro céu ver.
Sem nada semear, nada colher,
feliz quem não depende nem conquista.
(...)

CENA VIII

O vento começa a soprar. Agamémnon, Ulisses e Taltíbio encontram-se na muralha.

Taltíbio

Finalmente, ouve-se o vento a soprar.

Os sacrifícios foram abençoados pelos deuses.

Ulisses

Vamos poder regressar a casa sem demora.

Agamémnon

Isso mesmo, está na hora de rumarmos ao centro do mundo. Os nossos soldados podem fazer a festa, embebedar-se, dormir com as escravas. Amanhã os navios levantarão as velas e os remos vão ficar suados de tanto serem manejados. Parece que já avisto o porto de Argos e Micenas, ao fundo, no alto da colina. Vou voltar a ver Clitemnestra e os meus filhos. E desta vez, não haverá mais pretextos para guerras.

Ulisses

Não aguento mais estar longe de Penélope e abraçar o meu filho Telémaco é o meu maior desejo.

Taltíbio

Falam como maridos e não como heróis. Como se o dia de amanhã fosse o mais feliz das vossas vidas e acreditam que os barcos irão partir assim sem mais nem menos, antes de resolver os novos problemas que surgiram

Agamémnon

Que queres tu dizer com isso?

Taltíbio

É preciso decidir sobre os amuos de alguns que achámos dos mais implacáveis na batalha ou de seus descendentes. Amuos ou desejos súbitos de maternidade. Parece-me que os heróis gregos amoleceram depois de saírem vencedores desta guerra. Parece que o corpo dos reis e dos comandantes já não espelham o vigor do homem grego de há dez anos. Terá sido a mortandade, os massacres dos poderosos sobre os mais fracos?

Ulisses

Desconfio que sei a quem te referes. Mas fica sabendo que os troianos também mataram centenas de helenos.

Taltíbio

Para se defenderem.

Agamémnon

Mas que discussão vem a ser essa agora. Taltíbio, nunca te ouvi a falar desse modo. Tempos atrás ter-te-ia acusado de traição e mesmo eu te teria atravessado com a espada.

Taltíbio

Não é nada contra a tua capacidade de comando e as tuas leis.

Ulisses

Agora que acabou a guerra e estamos prontos a levar o saque e as escravas para a grande nação grega. Taltíbio já pode passar o tempo com conversas e enigmas próprios dos políticos.

Taltíbio

Eu estou a referir-me a uma coisa concreta, a um desejo de Pirro que tanto pode transformar-se numa tragédia como numa comédia. Certamente para a honra da Hélade e para o dever que temos com os deuses, não será uma boa escolha.

Agamémnon

Deixa-te de rodeios. Pões-me impaciente ou estás a ganhar tempo para que alguma coisa se concretize nas minhas costas.

Ulisses

Mais uma diatribe de Pirro. Ainda não está contente com o sacrifício de Políxena. Ou então foi Aquiles que lhe apareceu de novo com outra exigência.

Agamémnon

Fala, Taltíbio, desembucha.

Taltíbio

Pirro diz que quer ficar com a criança, não se importa de adotá-la.

Ulisses

Nem pensar. Astíanax deve morrer, o seu destino está traçado. É o único herdeiro do trono em Troia, por isso não pode viver para reconstruir o que o pai e avô perderam.

Agamémnon

Ulisses tem razão. Esta guerra não acaba antes de a criança morrer.

Taltíbio

Mas é apenas uma criança, inocente segundo reclama Pirro.

Ulisses

Deve estar enfeitado por Andrómaca.

Agamémnon

Eu acho que é soberba, arrogância. Por estar com a mulher de Heitor. Sabemos bem que não lhe chega aos calcanhares. Heitor era um príncipe, um guerreiro destemido. Pirro inventa esse desejo para ser igual ao pai, para me afrontar. Porque sabe que isso não se vai

concretizar, para me ver zangado, capaz de lhe arrancar a cabeça. Tal pai, tal filho, ambos são feitos de amuos e de iras. Mas já não estamos em tempo de guerra, ninguém espera por ele para se vencer a batalha. Nem os mirmidões o reconhecem como chefe.

Ulisses

Temos que tratar deste assunto já. Os soldados estão eufóricos com a partida e não aceitam mais demoras. Astíanax deve morrer já hoje, Agamémnon, basta uma palavra tua.

Taltíbio

Posso ainda falar com Pirro uma última vez, convencê-lo de que pode ter os filhos que quiser de Andrómaca, filhos verdadeiros, de sangue aqueu.

Agamémnon

Não há nada a falar, apenas a cumprir. Ainda sou o comandante-chefe da armada e dos exércitos gregos. Taltíbio, serás tu o executante, deixo-te essa tarefa. Escolhe dois soldados e matem a

criança. Pirro, se quiser, que fique a viver nas ruínas de Troia. Ninguém quer saber dele, em terra grega.

Saem. Ouve-se o coro das cativas. O vento começa a soprar mais forte.

CENA IX

Taltíbio e Andrómaca

Taltíbio

Ó minhas pernas, que se passa, hem? Não quereis andar? Entrou-vos a velhice? Afinal, faz dez anos que aqui estamos. É natural que vos sintais cansadas. Mas até hoje nunca me falhastes, coxas de bronze, boas dobradiças, pés sem qualquer desequilíbrio. Eh lá! Pareceis perninhas de donzelas, a fraquejar. Ireis deitar-me ao chão? Já não vos reconheço, ó infelizes. Nas batalhas, servistes-me tão bem, robustas, ágeis, sem hesitação. E agora que está tudo terminado é que tremeis? É que vos recusais a avançar? Para uma tarefa tão... pacífica?

Como abatido pelo pensamento, senta-se.

Bem sei. Bem sei. Eu faço-me desentendido, mas sei o que vos pesa. Nem vós quereis, nem eu quero. Porém, sois as pernas de um soldado. Toca a andar! Não vos vergou o inimigo e agora verga-vos o quê? A piedade? Estranho nome que não deve ser dito nesta terra. Se me ouvissem as minhas ordenanças,

se me vissem, perdiam-me o respeito. Mas deixei-os para trás. Quis vir sozinho. Basta o que basta, mais carrascos para quê? Vá, pernas, mais um esforço. Comparado com isto, um corpo a corpo é uma brincadeira de crianças.

Chega perto da tenda.

Taltíbio

(Para o guarda) Tu! Vai buscar Andrómaca.

Guarda

A Princesa?

Taltíbio

Princesa já não é. Que venha só. As minhas pernas não estão para gritarias de mulheres.

Guarda

As tuas pernas?

Taltíbio

Ou os meus ouvidos. A ti tanto te faz.

Vai, obedece.

*O Guarda entra na tenda e sai com
Andrómaca que traz o filho adormecido
nos braços.*

Andrómaca

Devo partir? O meu senhor quem é?

Taltíbio

Não sei, tão pouco é disso que se trata.

Andrómaca

Então, de quê? Mandaste-me chamar.

Taltíbio

Mandei.

Andrómaca

(Sobressaltada) Oh, deuses, não! Ireis matar-me
como fizestes com a irmã de Heitor,
Políxena? Sou mãe. Poupai-me a vida.
Votai-me ao mais penoso dos destinos
e tudo aceitarei com uma espécie
de alegria terrível porque tenho
comigo esta criança. Poderei

fazer o mais temido dos trabalhos,
descer à escura mina, mas com ele.
Sim, como as negras saberei prendê-lo
com uma faixa às costas, para que os braços
trabalhem livremente. Livremente...
Que palavra cruel! Mas tu que esperas
para falar enfim?

Taltíbio

(Muito enervado) Se não te calas!

Andrómaca

Acordas-me o menino.

Taltíbio

(Baixando a voz) É bom que durma.

Andrómaca

Que dizes? Porquê?

Taltíbio

Venho buscá-lo.

Andrómaca recua, aterrorizada.

Andrómaca

Buscá-lo! A ele sozinho? Nem pensar.

Taltíbio

A ele sozinho, sim. Tais ordens tenho.

Andrómaca

Afastá-lo de mim?

Ficam em silêncio.

Andrómaca

Como? Afastá-lo?

Que ideia é essa? Ele morre. E morro eu.

Taltíbio volta a cara, perturbado.

Andrómaca

Fala! Diz o que tens para dizer.

Certamente fizeste atrocidades.

Falar não deve ser a maior delas.

Taltíbio

E se for?

Andrómaca

E se for! Que coisa é essa
que te põe a tremer como um cobarde?

Taltíbio

Mulher, não me provoques. Tu ignoras
a extensão da desgraça que te espera.

Andrómaca

Querem tirar-me o filho. Assim disseste.
Compreendi-te bem. Ignoro o quê?

Taltíbio

Acabemos com isto. Eu tenho ordens...
Não era eu que aqui devia estar.
Quem toma as decisões devia ser
o seu executante. O guerreiro segue
o seu rei nos combates. Nada obriga
a que se torne moço de recados.
E, no entanto, mandam-me fazer
aquilo que sempre fiz. Que melhor faço.

Andrómaca

Matar?

Taltíbio

Matar.

Andrómaca

Matar o meu menino?

Taltíbio

Estão ditas as palavras. Avancemos.

Andrómaca

(Recuando) Avancemos para onde? Para quê?

Taltíbio

Oh, princesa, já viste tanta coisa.

Teu marido arrastado pela areia

como o mais vil dos bárbaros. O rei,

seu pai, teu sogro, indo humilhar-se,

rogando, qual mendigo que lhe dessem por esmola o

seu cadáver...

Andrómaca

Fecha a boca,

puxa, se queres, da espada! Não dói tanto!

Taltíbio

Então, mulher, não alonguemos mais os prólogos inúteis. Decretou-se a morte do teu filho. Cede agora.

Andrómaca

Não. Mas porquê? Porquê?

Taltíbio

Porque pertence
à linhagem real desta cidade.

Andrómaca

Esta cidade não existe já. Não vês?
Tudo são cinzas. Que herdaria
meu filho Astíanax?

Taltíbio

Um nome. Um sangue.
Uma história que tu lhe contarias.

Andrómaca – Julgas que somos gregos? Que vivemos sustentados por histórias?

Taltíbio

Tendes deuses
iguais aos nossos. Isso basta para formar
um orgulho insensato na criança.
Se ele vivesse, abrigávamos no seio
uma serpente.

Andrómaca

Oh, deuses! Deuses nossos,
meus como teus, que assim se banqueteam
com a dor dos mortais!

Taltíbio

Isto não é
assunto deles, mulher. Não os evoques.
Sou eu e o comando de um chefe.
Sou eu e a defesa do meu povo.
Músculo e ambição. Pátria e conquista.
Heroísmo e matança. Nada mais.
É preciso extinguir a tua raça
extinguindo esse pequeno macho e rei.
Se não mo entregares tranquilamente,
chamo os soldados para to arrancarem.
O que queres tu? Perdeste? Desempenha
com elegância o trágico papel.

Andrómaca

(Depois de um silêncio)

Com elegância. Sim. A contenção
de sentimentos própria das rainhas.
A próxima rainha dos troianos seria eu.
Rainha. Muito bem. Cabeça erguida como Políxena.
De mulheres como nós, não de ser feitas
as canções dos aedos. Dá-me apenas
uns minutos a sós com o menino.

Taltíbio

Estás a pensar fugir?

Andrómaca

Para quê? Para onde?

Peço-te apenas que respeites estes
momentos derradeiros. Vai, afasta-te.
Mostra alguma nobreza, ao menos tu!

Taltíbio recua, afasta-se e acaba por voltar costas

Andrómaca

Depressa! Há outros modos de fugir!
Fugir para dentro onde não chega o braço
do inimigo vivo. Oh, meu amor,

não sentirás as mãos da soldadesca,
os seus dedos brutais na tua pele.
Não: eu, não podendo nada, posso tudo.
Dou-te o seio e entrego-te a teu pai.

*Encosta o rosto da criança ao peito com uma força
enlouquecida, sufocando-a.*

Andrómaca

Não chores. Não te debates. Sim, sou eu.
Amamentei-te sempre. Recusei
as melhores amas do palácio. Noites
e dias sem descanso. Ó filho, bebe
agora não o leite mas a morte, morte
com cheiro a mãe, morte amantíssima,
um xaile negro que há de proteger-te,
porque te assassinei, dos assassinos.

Beija o menino na boca.

Andrómaca

A tua doce exalação, a última,
solvê-la-ei. E a última será
também para mim, porque a partir de agora

caminharei sem alma.

Taltíbio

(*Aproximando-se*) Então, mulher?
(*Vendo a criança morta*) Oh! Que ousaste fazer?

Andrómaca

Isto te entrego,

isto que nada é. Astíanax
regressou ao meu ventre. Dorme agora.
Não querias um cadáver? Aí tens.
Podes levar esse despojo. Eu fico
com o meu filho. Oh, não, não enlouqueço
como a pobre Cassandra. Hei de assistir,
com toda a lucidez, à vossa queda.
Se me vês rir, não é por desvario.
É que, tendo morrido neste dia,
eu me tornei invulnerável.

Taltíbio fica com a criança nos braços.

Taltíbio

Vai-te.

(*Falando sozinho*) Eu tinha ordens para o atirar

do alto das muralhas, de maneira a
que todos testemunhassem a aniquilação,
a grande queda do herdeiro de Troia.
Que faço agora? Faço como se...? Quem
sabe que ele está morto é só a mãe.
Talvez nem conte às outras. Não é coisa
que elas aceitem bem. Chego às ameias,
atiro-o contra as rochas lá em baixo
e mostrarei o corpo ensanguentado.
Tudo se cumpre como prometido e
eu escapo de matar uma criança.
Pernas, andais ligeiras, desta vez? Não?
Que vos pesa agora? É a subida? Eh,
oh, perninhas, vamos. Mais um esforço.

CENA X

Os heróis e as escravas reúnem-se no porto, onde estão as naus, para a partida para a Grécia. Helena surge, entre dois soldados, seguida de Menelau. As mulheres começam a insultá-la.

Hécuba

Oh, eis a cortesã que nos perdeu.
Atiram-lhe com pedras.

Hécuba

Como ousas tu viver, pisar a terra
que os heróis já não pisam? Esta terra
que, mesmo receando as consequências,
a recebeu como uma filha... houvesse
eu sido mais sensata, mais prudente,
mais rainha de Troia em vez de mãe!
Houvesse eu visto em ti não a paixão
de um filho, mas a morte de nós todos!

Cativas

Traíçoeira, odiosa criatura!

Vergonha das mulheres! Vil e mesquinha!

Helena

Oh, por que me culpais? Vós bem sabeis
que fui frágil joguete nesta história.

Não prometeu a deusa ao jovem Páris
dar-me por recompensa? Não se achava
tudo isto decidido no destino?

Aquele desejo, o ardor, sim, a loucura
que para os braços dele me arremessaram
mais não foram que o sopro de Afrodite
sobre o meu coração. E não foi Páris
quem para aqui me trouxe? Poderíamos
fugir para outro lado. Mas em Troia
fomos com júbilo acolhidos, nós,
os desafiadores de um rei da Grécia
e, através desse rei, da Grécia inteira!

Hécuba

De certo modo, tens razão. Que cegos fomos!
Expulsar-te, nem chegar a receber-te,
mandar-te para o cais, para os marinheiros
que te levassem de regresso a Esparta
despida, suja, uma cadela infecta!

Menelau

Essa conversa agora não faz sentido. Tudo isso é passado. Helena regressa para ser morta.

Agamémnon

Fala bem o meu irmão, só não diz quando e como sucederá a morte.

Menelau

O castigo será público. Poderás assistir.

Ulisses

Eu não, que estarei longe. Confiarei em ti. Não desonrarás a Grécia, mantendo-a viva.

Cassandra

Ah, não, isso não vai acontecer!

Ouçam-me bem, Helena volta a Esparta como rainha, triunfante e amada!

Menelau não a conseguiu matar quando puxou da espada, no calor da conquista de Troia. Viu-lhe o seio e ficou pronto para ajoelhar.

A mais bela de todas as mulheres

apenas por mulheres pode ser morta!

E por mulheres morta será.

Helena

Que dizes?

Hécuba

Cala-te, filha! Estão a rir-se, vês?

Não deves dar motivos para troça.

Cassandra

Do meu silêncio, mãe, falarão muito.

Ulisses

De que valeria uma morte neste momento de
júbilo em que vamos partir para casa com as arcas
recheadas de troféus? Vamos, apressem-se.

Pirro

Ulisses tem razão, nada nos retém aqui. Os barcos
esperam-nos e o vento está de feição.

Andrómaca

O fim da guerra é isto? Os homens partem,
as mulheres deitam cinzas no cabelo,

depois estendem as mãos para que lhas atem.

Hécuba

E Helena, a grande puta, de mãos livres!

E o marido, ansioso pelos abraços!

Menelau

(Irritado) Ulisses, não tens mão na tua escrava? Vê se a fazes calar! Que heróis sois vós se permitis que os vossos troféus falem assim?

Andrómaca

Sim, troféus, dizes bem. Coisas que não arderam, como o ouro, no incêndio.

São coisas, não mulheres, vos asseguro, o que levais convosco. Nada sentem.

Nada podem sentir. O coração que bateu pelos filhos já parou.

Ulisses

Partamos antes que se faça noite. Mas não deixem Helena junto às outras. Essas, garanto, não hesitariam...

Menelau

Isso é comigo? Faltas-me ao respeito?

Ulisses

Que ideia, Menelau! Devemos-te isto, este saque e a fama. E as escravas de nobre origem. E eu não queria vir...

Menelau

Nunca passaste de um pobre agricultor!

Ulisses

Com bois cornudos!

Agamémnon

Calem-se todos. Menelau prometeu que Helena será executada em terra grega. E assim o fará. Eu, em Micenas, manter-me-ei atento. E Cassandra e os meus filhos estarão lá para testemunhar.

Cassandra

Mal sabes tu o trágico desfecho!
Uma execução, sim! Peixe na rede!

Menelau

Vais levar uma doida no teu lote!

Agamémnon

Talvez seja a loucura que me atraí. (*Para os soldados*): Eh, desatem-lhe as mãos! Que dance e cante!

Cassandra canta de novo a sua cantiga, rodeada por todas as cativas.

Cassandra

O famoso silêncio de Cassandra
depois de tudo o que ela adivinhou...

*Apodera-se da faca de um soldado e corta a língua.
Os soldados puxam Helena horrorizada para junto
de Menelau. Agamémnon vira costas aos outros.
Isola-se. Ulisses junta-se a Pirro. Hécuba e as filhas
fazem um pequeno círculo em redor de Cassandra.
Repetem o primeiro verso do canto das Cativas.*

Quem nos dera que a neve nos tivesse
obrigado a vogar de terra em terra.

Feliz daquele que sem pátria erra
e do lugar onde nasceu se esquece.

*O vento sopra. Devagar, os heróis e as cativas
entram para os navios. Ouve-se, por fim, o Coro dos
Lobos.*

ÊXODO

Coro dos lobos

Corifeu

Nem eu sei bem, irmãos,
por que voltei.

Nem vós sabeis, irmãos,
por que voltais.

Coro

Pelo espanto.

Voltamos pelo espanto.

Voltamos pela
incompreensão.

Porque neste lugar tudo é
tão estranho.

Corifeu

Tão estranho, na verdade.

Eles já partiram

mas, quando a terra arrefecer,
regressam,

para começar de novo.
Casas, templos
trigo, cavalos, guerra.
Oh, este cheiro
de cinza e podridão.
Não demoremos.

Coro

Nada. É o nada, aqui.
Ninguém como eles
para lançar o nada
sobre as coisas.
Sobre os seus semelhantes
e os outros.

Corifeu

Que silêncio Terrível!

Coro

Que silêncio!
Nem aves, nem insetos,
nenhum som.
Regressemos, irmãos, para a montanha.
Para a festa da montanha.

Corifeu

Se quiséssemos ter esse trabalho
cobriríamos tudo com areia,
escavando com as patas de trás, como
fazemos aos excrementos.

Coro

Para quê?
Irmãos, esta não é a
nossa história.
Não faz qualquer sentido
para nós.

Fim

Este Livro foi composto com caracteres Bauer Bodoni,
tipo desenhado por Henrich Joss em 1926. Foram também
utilizados caracteres Roboto (Google, Christian Robertson, 2012)
Impresso em Coral Book Creme, de 110 grs.



Hélia Correia nasceu em Lisboa. Licenciada em Filologia Românica, foi professora do ensino secundário. Poetisa e dramaturga, foi enquanto ficcionista que Hélia Correia se revelou na década de oitenta, ao publicar, em 1981, *O Separar das Águas*. Seguiram-se romances como *Montedemo* (já levado à cena pelo Bando), *Casa Eterna*, *Insânia*, *Bastardia*, *Lillias Fraser* e *Adoecer*. A sua escrita para teatro tem privilegiado os clássicos gregos. Destacam-se *Perdição-Exercício sobre Antígona*, *O Rancor-Exercício sobre Helena* e *Desmesura-Exercício com Medeia*. As suas obras mais recentes intitulam-se *A Ilha Encantada* (infanto-juvenil), *A Chegada de Twainy* (infanto-juvenil) e *A Terceira Miséria* (Poesia). Largamente premiada, Hélia Correia foi recentemente galardoada com o Prémio Camões.

Jaime Rocha, Escritor, estudou na Faculdade de Letras de Lisboa e foi Grande Repórter e Jornalista Cultural até 2002. Autor de obras de poesia, ficção e teatro. Algumas das suas peças foram apresentadas em Festivais no estrangeiro, em Londres, Lille, Amesterdão, Wiesbaden e em Portugal, entre outros, pelos grupos de teatro O Bando, Comuna, Teatro Aberto, Acert Trigo Limpo, Teatro Experimental de Cascais, Útero e Musgo. A abordagem de Jaime Rocha aos clássicos gregos conta já com as peças *Agamémnon - A Herança das Sombras* e *Filoctetes - A Condição do Guerreiro*.

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

coleção
dramaturgia

